



# Contradições de Obama

Schama, que lança na Flip 'O futuro da América', diz que presidente busca um 'equilíbrio delicado'

## ENTREVISTA

**Simon Schama**

O inglês Simon Schama, professor da Universidade de Columbia (NY), é convidado da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), que acontecerá entre 1º e 5 de julho, onde lançará "O futuro da América — Uma história" (Companhia das Letras). O livro tem como mote as eleições do

presidente Barack Obama, cujas circunstâncias são apresentadas em contraste com histórias de personagens importantes do passado dos EUA. Aos 64 anos, Schama, que virá ao Brasil pela terceira vez, é autor de clássicos como "The embarrassment of the riches" (sobre o século XVII holandês) e "Citizens" (sobre a Revolução Francesa) e também faz trabalhos para a BBC,

como a famosa série televisiva sobre a história da Grã-Bretanha, em 15 capítulos. O livro que agora lança foi escrito a partir de outra série televisiva, com quatro capítulos. Nesta entrevista, comenta as perspectivas abertas com Obama, diz que o presidente não elimina as tensões raciais nos EUA e reconhece o risco de se fazer do Afeganistão um novo Vietnã.

Marília Martins

Correspondente • NOVA YORK

**O GLOBO:** O senhor é um professor universitário britânico que mora há muitos anos nos EUA. Como o fato de ser britânico ajudou a moldar a sua percepção da eleição de Obama?

**SIMON SCHAMA:** Venho de uma família britânica de quatro irmãos, dos quais três vieram morar nos EUA. Então, penso que sou um britânico diferente dos outros porque eu me sinto tendo uma dupla identidade, sou meio britânico e meio americano. Não tenho uma atitude defensiva em relação aos EUA e me sinto confortável diante da complexidade da história americana. Durante os anos Bush, quando o anti-americanismo ganhou força no mundo inteiro, muita gente aprisionou os EUA dentro dos moldes da política do cowboy. Isto reduziu uma tradição histórica multifacetada e riquíssima a um aspecto do governo Bush que se tornou, aliás, crescentemente impopular. A eleição de Obama mostra o quanto os EUA são um país capaz de reinventar-se a si mesmo. E para mim talvez o fato de ser judeu tenha influenciado mais a minha visão pessoal dos EUA do que o fato de ser britânico. De modo geral, acho que a metade britânica e judaica me ajudou a pensar o contraste entre aquilo que o mundo pensa dos americanos e aquilo que os americanos pensam de si mesmos, especialmente no que se refere à guerra.

• Para traçar as origens do pensamento de Obama sobre a guerra, o senhor remonta à oposição feroz entre dois fundadores da política americana, Thomas Jefferson e Alexander Hamilton. O primeiro era favorável ao alistamento militar e o segundo defendia a profissionalização das forças armadas. Jefferson era favorável ao controle civil das forças militares e compreendia a guerra apenas como "o último recurso". Já Hamilton defendia a guerra como um recurso. Diante da decisão de sair do Iraque e aumentar o esforço de guerra no Afeganistão, Obama estaria mais próximo de Jefferson? Ele compreende a guerra como último recurso?

**SCHAMA:** O pensamento de Obama sobre a guerra é muito complexo, e penso que mistura as duas tradições. De um lado, como Jefferson, ele acredita que a guerra é o último recurso, e está aumentando o esforço de batalha no Afeganistão porque acredita que a guerra é a única alternativa para vencer o Talibã e a Al-Qaeda. Mas, ao mesmo tempo, ele não é ingênuo. Tem raízes africanas, foi educado no Havaí, que é um estado americano na Ásia, um lugar de enorme complexidade histórica e cultural. Obama é um cidadão do mundo e sabe que os EUA são a maior potência mundial e que este enorme poderio militar deve ser usado com precisão. Obama conhece o peso do passado e não compreende a história de seu país como uma folha em branco que ainda está por ser escrita. Lidar com um poderio militar desse porte exige um forte prag-



SCHAMA: em sua opinião, a decisão de Obama de manter comissões militares em Guantánamo foi "decepcionante", "um retrocesso"

matismo, o que certamente tem seu débito com Hamilton. Os americanos, como Jefferson, não veem a si mesmos como imperialistas, mas como defensores da paz mundial. Mas também, como Hamilton, os americanos sabem que ser uma potência mundial exige sacrifícios e impõe desafios. Por isso, Obama reúne as duas tradições do pensamento militar americano num equilíbrio delicado, cheio de contradições.

• O senhor acredita que até aqui o presidente Obama tem sido fiel às promessas de campanha?

**SCHAMA:** De modo geral, sim. Eu diria que o balanço é positivo. Mas já houve decepções tremendas, como a manutenção das comissões militares para os julgamentos dos prisioneiros em Guantánamo, um tremendo retrocesso em termos de direitos humanos. Obama ainda está aprendendo a se relacionar com o Congresso americano, onde as negociações são sempre difíceis, cheias de idas e vindas. Fechar Guantánamo não é uma tarefa fácil, especialmente em meio ao intenso debate sobre o que fazer com os prisioneiros. Manter as comissões militares foi uma decisão decepcionante e inesperada para

um presidente como Obama. Isso mostra como são fortes as tensões e as contradições do pensamento militar de Obama sobre a guerra.

• O Afeganistão pode se tornar um Vietnã para Obama, no sentido de uma guerra impossível de ser vencida para os americanos?

**SCHAMA:** Existe este risco sim, evidentemente. A população afegã é a maior vítima desse conflito e certamente tem grandes desconfianças em relação aos americanos. O pragmatismo de Obama vai levá-lo a uma guerra diferente daquela tentada por Bush. Obama vai trabalhar em parceria com seus aliados, o que Bush não fez. Ele respeita mais a ONU como fórum internacional e vai tentar uma intervenção civil, com dinheiro para reconstrução e para ajudar a população civil, tanto no Afeganistão quanto no Paquistão. Isso tende a dividir a unidade atual do governo paquistanês, que é muito cercado de corrupção e que, mesmo sendo um governo secular, apela para um populismo de raízes religiosas. Isso pode facilitar o caminho para a vitória sobre os círculos governamentais que ainda protegem a Al-Qaeda. Mas não resta dúvida de que vencer uma guerra no Afeganistão é uma tarefa muito delicada e complexa. E pode revelar-se impossível como o Vietnã.

• Sua análise da vitória de Barack Obama mergulha em quatro grandes vertentes: a questão ambiental, os

conflitos religiosos, a reforma migratória e as decisões sobre a guerra. Por que a economia ficou de fora, justamente no momento em que a crise tomou proporções globais e parece ter sido decisiva para Obama?

**SCHAMA:** É verdade. Nós fechamos a primeira versão da série em setembro de 2007, antes do agravamento da crise financeira, que se deu a partir de outubro. Eu fiz alguns acréscimos em novembro, para analisar o resultado da eleição na segunda versão, mas não acompanhei a campanha eleitoral tendo as questões que eu julgava centrais como guias para cada programa da série. A economia entraria como um suporte básico de todos os programas. No programa sobre aquecimento global, analiso as consequências econômicas da seca do Rio Colorado, que afeta vários estados americanos. Ao falar de imigração, evidentemente tratei da disputa por empregos. Ao falar sobre a virada conservadora dos evangélicos, mostrei como a religião serviu para disciplinar trabalhadores no Vale do Appalatchia, especialmente na Pensilvânia e na Virgínia Ocidental. Enfim, a economia está em todos os programas.

Mas você tem razão: por isso mesmo não foi um tema tratado em profundidade. Por isso, estamos fazendo uma continuação da série, que será lançada em 2009, para falar especificamente da crise econômica e de suas consequências.

• O senhor foi testemunha das lutas pelos direitos civis dos negros nos anos 60 e comemora a eleição de Obama como resultado desta luta. Mas o presidente gosta de definir-se a si como parte de uma geração de políticos "pós-raciais", que se diferencia dos líderes históricos dos anos 60. Obama chegou mesmo a ter uma polémica com Jesse Jackson durante a campanha. Acredita que haja essa geração "pós-racial" na política?

**SCHAMA:** Não. A eleição de Obama não acaba com as divisões raciais americanas. E nesse sentido a presença da primeira dama Michelle Obama na Casa Branca tem um sentido muito mais histórico no que se refere às lutas dos direitos civis porque sua família tem raízes muito americanas, que recuam aos escravos, ao contrário de Obama, cuja família é globalizada, com origens multinacionais. Michelle Obama tem sido uma primeira-dama fantástica, inteligente, sensível, altamente consciente de seu papel dentro da simbologia do poder nos EUA. Quanto a Obama, sua candidatura deve muito ao movimento negro e às suas origens dentro da política de Chicago, uma cidade profundamente dividida do ponto de vista racial. Mas também acho que devemos dar-lhe o crédito de ter sido generoso com aquela metade do país que não votou nele: no dia mesmo da eleição, ele reconheceu que era preciso ainda conquistar a imensa população branca que permanecia desconfiada em relação a um presidente negro na Casa Branca. Obama sabe que é preciso educar os brancos para confiar nos negros e sobretudo na igreja negra americana.

• O senhor aponta as origens da igreja evangélica americana dentro do movimento abolicionista e mostra que esta igreja não era conservadora como hoje, mas, ao contrário, teve pensadores radicais. O senhor também mostra que os evangélicos tornaram-se conservadores enquanto os protestantes negros ficaram mais progressistas. Hoje, depois das lutas dos direitos civis, a igreja protestante negra tornou-se a única a apoiar abertamente um pensamento político progressista nos EUA?

**SCHAMA:** Não. Demorei muito na análise da virada conservadora dos evangélicos e deixei de falar da variedade de correntes cristãs progressistas entre os brancos. A igreja protestante negra é mais abertamente populista, por causa da tradição dos cultos religiosos, em que todos cantam, choram, exorcizam seus conflitos com sermões incandescentes e teve importância central na eleição de Obama. Mas há muitas correntes religiosas brancas que fazem um trabalho fundamental em comunidades pobres e integram a nova coalizão que elegeu Obama. *Continua na página 4*



**Barack Obama sabe que é preciso educar os brancos para confiar nos negros e sobretudo na igreja negra americana**



**Michelle Obama tem sido uma primeira-dama fantástica, inteligente, sensível, consciente de seu papel na simbologia do poder**

CONTRADIÇÕES DE OBAMA • Continuação da página 1

## 'Gracioso no modo como enfrenta a oposição'

**O GLOBO:** O senhor acredita que o presidente Barack Obama vai fazer uma ampla reforma migratória, de modo a dar cidadania para os imigrantes hoje em dia ilegais?

**SCHAMA:** Sim. Obama tem uma origem multinacional e certamente ele compreende a questão migratória para além da xenofobia de impedir a disputa por empregos. E Obama tem sido muito gracioso no modo inteligente como enfrenta a oposição: ele contornou elegantemente os seus opositores tanto na Universidade do Arizona quanto em Notre-Da-

me. Nas ocasiões, fez dois discursos primorosos.

• O que o senhor espera de sua terceira viagem ao Brasil, durante a Flip?

**SCHAMA:** Eu adoro o Brasil! Tenho lembranças maravilhosas de minhas viagens ao Brasil, da gente brasileira, da música brasileira que eu adoro... Espero ter uma temporada maravilhosa em Paraty. Eu me lembro de visitar Paraty e de ter tido lá uma das melhores refeições que tive na vida, comendo um peixe grelhado na beira do mar. Minha imagem de felicidade é bem perto disso: um lugar

bonito, uma música contagiante, uma comida deliciosa. O Brasil tem tudo isso para mim.

• O senhor mistura história e jornalismo, duas visões aparentemente contraditórias, uma que leva em conta a distância do tempo e outra que vive da urgência do presente. Acredita que, por vezes, pode projetar os conflitos do presente no passado e fazer interpretações da história um pouco ao sabor do que se passa na atualidade?

**SCHAMA:** Ah... sim, eu sempre penso que esse meu trabalho jornalístico me leva a

projetar as preocupações do presente sobre o passado de forma apressada e por vezes irresponsável. O que eu posso dizer? Eu sempre fiz uma história pouco tradicional, sempre tentei alargar os limites da História, torná-la um pouco mais elástica. Isso traz riscos, evidentemente. Talvez eu tenha dimensionado mal o peso da crise econômica na eleição de Obama. Mas esse é um risco que se corre quando se faz a história do presente. E eu acho que a vida é muito curta para que nós sejamos covardes e tenhamos medo de correr riscos. ■



SIMON SCHAMA: "Sempre fiz uma história pouco tradicional"